

APRESENTAÇÃO

Os organizadores¹

Realizada entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, ano do primeiro centenário da Independência do Brasil, a **Semana de Arte Moderna** é vista por muitos/as estudiosos/as como um divisor de águas na cultura brasileira, pois provocou transformações radicais no mundo das artes e na compreensão da identidade nacional. Marcada por rupturas e transgressões, algumas das quais já antecipadas anos antes por aqueles/as que se tornaram depois alguns de seus protagonistas, a Semana tornou-se o ícone de uma nova maneira de ver o país, sua gente e sua cultura. Metáforas geradoras, como a da antropofagia, criada em 1928, por **Oswald de Andrade**, no *Manifesto antropófago*, buscaram traduzir o que estava em gestação antes, durante e depois de 1922. Mais que a expressão das vanguardas modernistas europeias, que haviam inspirado alguns de seus idealizadores, a Semana foi lida por muitos/as como a encarnação de uma ruptura epistemológica no pensamento do país, pois gerou uma reflexão criativa, original, diferente daquela que, no período colonial ou no primeiro século do Brasil independente, se contentava em “copiar”, em “imitar” ou em ser “reflexo” de modelos importados sem efetivamente realizar sua “deglutição”.

Apesar do significado que ganhou na história da cultura brasileira posterior, enquanto tal, a Semana foi um evento polêmico. Seus protagonistas, a saber, artistas, escritores, músicos e pintores/as irreverentes e contestadores, pertenciam às elites sociais e políticos que então comandavam os destinos econômicos e políticos do país, sobretudo paulistas e mineiros. A maioria deles/as tinha estudado na Europa, onde estava em ebulição muitas inovações estéticas. Isso os/as habilitou a romperem com os parâmetros que vigoravam nas artes em geral. As atividades realizadas na Semana, a saber, a conferência inaugural, de Graça Aranha, exposições artísticas, declamação de poesias, como “Os sapos”, de Manuel Bandeira, a apresentação musical de Villa Lobos, no último dia, com mistura de instrumentos, provocaram reações muito críticas, como a de Monteiro Lobato. Embora polêmico e transgressivo, de imediato o evento pareceu um fiasco. No entanto, as iniciativas que dele se seguiram, como as revistas *Klaxon* (1924), *Estética* (1925), *A Revista* (1925), *Terra roxa e outras terras* (1927), *Revista de Antropofagia* (1928), e os movimentos **Pau-Brasil** (1924), **Verde-Amarelo** (1924), **Antropofágico** (1928), o **Manifesto Regionalista** (1926), despertaram uma multiplicidade de debates que problematizavam a produção estética e intelectual nacional.

O *Manifesto Antropófago* (1928) que, do ponto de vista teórico, recolhe parte da efervescência intelectual da época, encontrou em *Macunaíma* (1928), de **Mário de Andrade**, uma espécie de síntese literária de um dos eixos a partir dos quais o legado da Semana foi

¹ Membros da comissão que provocou a realização das diversas atividades em suas instituições sobre a Semana: Maria Clara Bingemer (PUC Rio); Antônio Manzatto (PUC SP); Leandro Garcia (UFMG); Gilbraz Aragão (UNICAP); Geraldo De Mori (FAJE); S. Lindoberg da S. Campos (UFOP); Márcia L. Duarte (UNISINOS).

compreendido e recebido nas décadas posteriores: o da discussão da identidade nacional. O movimento indigenista, um século antes, já havia feito isso, mas, como observa **Oswald de Andrade** no *Manifesto Pau-Brasil*, grande parte do caminho feito no período anterior podia ser caracterizado como “poesia de importação”, marcada pelo esforço de “reproduzir igualzinho”. Contra essa “morbidez romântica”, feita de “equilíbrio geômetra” e “acabamento técnico”, o autor advoga a liberdade da “invenção” e da “surpresa”, o “contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica”. De certa forma, **Mário de Andrade**, ao criar *Macunaíma*, “o herói de nossa gente”, sem “nenhum caráter”, realiza isso. A questão do “caráter”, vista não do ponto de vista moral, mas na perspectiva da identidade, ocupará vários “herdeiros” das “provocações” provenientes da **Semana**. De fato, dois grandes intérpretes do Brasil a partir dos anos 1930, **Gilberto Freyre** e **Sérgio Buarque de Holanda**, deram contribuições fundamentais para se pensar a identidade nacional. O primeiro, apesar de crítico da Semana e participante do *Movimento Regionalista*, propôs, com *Casa grande e senzala*, captar a identidade nacional à luz da tese da “democracia racial”, e o segundo, em continuidade com os princípios do movimento de 22, defendeu, com *Raízes do Brasil*, sua tese do brasileiro como “homem cordial”, que também busca tematizar a identidade.

O **legado da Semana**, em seus desdobramentos estéticos e em sua pergunta pela identidade nacional, é ainda perceptível nas décadas posteriores. É o que mostram: a **literatura**, com a grande plêiade de autores/as que contribuíram para a descoberta e a valorização das várias expressões da pluralidade da cultura nacional; a **música**, com a **Bossa Nova**, que mesclou o erudito e o popular, dando lugar à valorização da **Música Popular Brasileira**; o movimento tropicalista, que uniu o popular e a vanguarda, revalorizando as “combinações de todos os nossos erros”; o **cinema**, sobretudo o **Cinema Novo**, que trabalhou com o realismo e a crítica às injustiças sociais, ao retratar o sofrimento dos/as brasileiros/as; a **arquitetura**, que, unindo o antigo ao novo, inventou novas formas de espaço para a vida no país; os **novos teóricos da identidade nacional**, como **Darcy Ribeiro**, e suas contribuições para se pensar o “povo brasileiro”, e **Roberto da Matta**, e seu esforço por mostrar o “que faz o Brasil, Brasil?”; a **gastronomia**, que, nas últimas décadas, sobretudo com as pesquisas originais de **Carlos Alberto Dória**, tem oferecido uma abordagem original da culinária nacional, mostrando seu caráter plural.

O aparente **consenso** ao redor do significado do legado da Semana de 22 não pode esconder os **dissensos** que giram ao redor de sua interpretação. Não só os já evocados, como o da recepção crítica feita do evento em si, por **Monteiro Lobato**, após sua realização, ou o da reação do **Movimento Regionalista**, do qual participou **Gilberto Freyre**. De fato, após a **leitura hegemônica e canônica** do evento e de sua recepção nos vários âmbitos que influenciou, nas últimas décadas, várias vozes têm descoberto e valorizado **outras dissidências na recepção e interpretação** da Semana de 22. É o caso, por exemplo, dos estudos sobre o **Centro Dom Vital** e a **revista A ordem**, que mostram uma contribuição importante do pensamento católico na elaboração e compreensão do modernismo brasileiro, não podendo ser ignorada ou tida por conservadora ou sem relevância somente porque é de orientação católica. É o caso também da redescoberta de **Clodomir Vianna Moog** e de intelectuais de outras

regiões do país, muitas vezes vistos como periféricos, mas que, na verdade, desconstróem a visão cronológica hegemônica, além de discutir a filiação literária do país, mostrando a impossibilidade de “uma” literatura nacional, pois **o Brasil** não existe, o que existe **são brasis**. Um dos corolários dessa leitura, do ponto de vista sociológico e antropológico, é o questionamento de uma das principais ideias a partir das quais se pensou a recepção da Semana: a de identidade.

Reler o significado e o legado da Semana cem anos depois é uma tarefa extremamente complexa, que exige muitas abordagens e suas diferentes perspectivas. Um grupo de pesquisadores/as da PUC Rio, PUC SP, Unisinos, UNICAP, UFMG e FAJE, começou, no segundo semestre de 2021, a se perguntar sobre como a celebração desse centenário poderia se tornar ocasião para conversas cruzadas, envolvendo a literatura, a teologia, a filosofia, as ciências da religião. Inicialmente, a ideia era realizar um evento único, mas, aos poucos, viu-se a importância da comemoração e de como ela poderia ser explorada de modo diverso em cada instituição. Foi então criado um hotsite no Portal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), que teria como função reunir e divulgar o que seria realizado em cada instituição ([Evento \(unisinos.br\)](http://Evento(unisinos.br))). Para a abertura do conjunto das atividades a serem realizadas em cada instituição, foi proposta uma conferência de abertura, oferecida no Canal YouTube da FAJE, com pistas para se pensar, ao longo do ano, o significado da Semana cem anos depois ([871\) Live - 100 anos da Semana de Arte Moderna: impactos no campo da Teologia - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=871Live-100anosdaSemanaDeArteModerna:impactosnocampo-daTeologia-YouTube)). Algumas das atividades previstas pelo grupo foram efetivamente realizadas. Outras, por diversas razões, não puderam acontecer.

O presente número de *Annales FAJE* traz o texto da conferência de abertura, alguns textos das conferências do evento organizado pela FAJE, juntamente com os textos de duas comunicações nele apresentadas, duas entrevistas que deveriam alimentar o hotsite criado para alimentar a discussão, dois textos de releituras, nos quais são apresentadas algumas questões que as comemorações do centenário levantaram. Na FAJE o Grupo de Pesquisa Interfaces da Antropologia na Teologia Contemporânea, do Programa de Pós-Graduação em Teologia, e o Grupo de Pesquisa Filosofia no Brasil (FIBRA), organizaram um evento conjunto, com a temática **100 anos da Semana de Arte Moderna (1922-2022): repercussões na Filosofia e na Teologia do Brasil**, correspondendo ao IV Colóquio Interfaces ao VI Colóquio Pensadores Brasileiros. O evento aconteceu entre os dias 24-26 de agosto de 2022, com três painéis filosóficos, pela manhã e três painéis teológicos, pela noite. Os textos filosóficos deram origem ao livro *VI Colóquio Pensadores Brasileiros*, publicado pela Editora Fi, disponíveis em formato digital ([642 - VI Colóquio.pdf - Google Drive](https://www.google.com/drive/folders/642-VI-Coloquio-PDF)). A publicação desses textos é baseada na convicção de que os temas e debates suscitados pela Semana de Arte Moderna ainda não foram suficientemente aprofundados no Brasil e necessitam ser revisitados, tanto pelos diversos saberes do mundo universitário e cultural do país, quanto pelo saber teológico que desde então vem sendo elaborado nas instituições que a ele se consagram no país.

Boa leitura!